



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9807 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

O DESAFIO DAS RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIA COM JOVENS ESTUDANTES:
EXPERIÊNCIAS DE JOVENS DOCENTES INICIANTES NO ENSINO MÉDIO

Álida Angélica Alves Leal - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

O DESAFIO DAS RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIA COM JOVENS ESTUDANTES: EXPERIÊNCIAS DE JOVENS DOCENTES INICIANTES NO ENSINO MÉDIO

Resumo: Este trabalho refere-se ao recorte de uma pesquisa cujo objetivo geral consiste em analisar experiências de jovens professores/as iniciantes de escolas públicas de ensino médio com o propósito de identificar e compreender alguns desafios comuns a este grupo. Neste artigo, analisamos um dos desafios elencados pela pesquisa, o das relações de convivência entre jovens docentes iniciantes e seus jovens estudantes. Foram considerados jovens os sujeitos com até 29 anos de idade e professores/as iniciantes aqueles/as com 05 anos ou menos de exercício docente. O percurso metodológico, inspirado em princípios teórico-epistemológicos da pesquisa com narrativas e da História Oral, consistiu na realização, transcrição e análise de 25 entrevistas narrativas com jovens professores/as iniciantes que lecionavam em escolas da Rede pública estadual de Ensino Médio de uma regional de Belo Horizonte, MG. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin (2009). As experiências narradas foram analisadas a partir de categorias analíticas da Sociologia do Indivíduo de Danilo Martuccelli, com foco na dimensão do respeito. Os dados indicam um palimpsesto de regimes de interação, com diferentes justaposições entre regimes de hierarquia, igualdade e diferença. Predomina o que chamamos de uma “*amistosidade hierarquizada*” entre jovens docentes iniciantes e seus jovens estudantes.

Palavras-chave: Condição docente; Desafio; Respeito; Sociologia do Indivíduo.

Introdução

Este trabalho refere-se ao recorte de uma pesquisa cujo objetivo geral consiste em analisar experiências de jovens professores/as iniciantes de escolas públicas de ensino médio com o propósito de identificar e compreender alguns desafios comuns a este grupo. Neste artigo, o intento consiste em analisar um dos desafios elencados pela pesquisa, o das relações de convivência entre jovens docentes iniciantes e seus jovens estudantes.

A pesquisa se justifica a partir da compreensão de que “o professor é um sujeito sociocultural e parte desse sujeito é o professor”, conforme Teixeira (1996, p. 181). Isto implica em considerar, por exemplo, que a juventude é uma das dimensões constitutivas centrais da identidade destes sujeitos. Sendo assim, parafraseando Leão (2011, p. 101), “para além de professores/as, os indivíduos que aqui pesquisamos são jovens!”.

O percurso metodológico da pesquisa, inspirado em princípios teórico-

epistemológicos da pesquisa com narrativas e da História Oral, consistiu na realização[1], transcrição e análise de 25 entrevistas narrativas (Flick, 2004) com jovens professores/as iniciantes que lecionavam em escolas da Rede pública estadual de Ensino Médio de uma regional de Belo Horizonte, Minas Gerais. Foram considerados jovens os sujeitos com até 29 anos de idade e docentes iniciantes aqueles/as com 05 anos ou menos de exercício profissional. As falas dos jovens, captadas com gravadores, foram transcritas, categorizadas e analisadas a partir de categorias analíticas da Sociologia do Indivíduo de Danilo Martuccelli, com foco na dimensão do respeito. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2009).

Conforme Martuccelli e Singly (2012, p.11), uma das bases da Sociologia do Indivíduo consiste em compreender que “de nada serve ler os grandes processos sociais se se é incapaz de compreender a vida das pessoas: a forma como vivem, lutam e afrontam o mundo” (*op.cit.*, p.11). Para os autores, “mais que uma simples perspectiva de análise, que supõe teorias e métodos particulares, a Sociologia do Indivíduo é uma *sensibilidade*. Intelectual e existencial” (*op.cit.*, p.11, grifo nosso).

Tal perspectiva permite “*conhecer os indivíduos*” entendendo que suas condutas não se reduzem ao estrito desempenho de um determinado papel social nem sequer consistem apenas no desempenho estratégico de seus interesses e vontades pessoais; mas são guiadas a partir de suas experiências. Conforme Dubet (1994, p.95), a experiência não é dada, mas construída a partir do trabalho dos indivíduos. É “uma maneira de construir o mundo, [...] uma atividade que estrutura o caráter fluido da ‘vida’”.

Para Martuccelli e Singly (2012), a noção de experiência discutida por Dubet (1994) implica em pensar que todo indivíduo está submetido a um desafio permanente, que supera ou tenta superar contando, ou não, com um conjunto de suportes. A noção de um “eu construído por provações” ou desafios (*op.cit.*, p.72), conforme os autores (2012), é, atualmente, uma das teorias possíveis a serem utilizadas para a construção de uma Sociologia do Indivíduo. Ambos defendem que “a provação pode ser um importante instrumento analítico [...] na medida em que propõe uma articulação particular entre o ‘ator e o sistema’, diante da crise da ideia mesma de sociedade” (*op.cit.*, p.72).

Para Martuccelli (2006), a vida social está cada vez mais permeada e marcada por uma série de provações (escolares, laborais, relacionais). Contudo, o conceito não remete a um desafio ou a problema vivencial qualquer, mas a um conjunto de desafios estruturais e, por isto, comuns a todos os indivíduos de um coletivo, que o percebem e respondem de maneiras variadas. Para o autor, provações são “desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos que os indivíduos estão obrigados a enfrentar” (*op.cit.*, p.83).

Para os jovens professores pesquisados, a construção de suas experiências de início do exercício profissional acontece nas tramas das relações com outros sujeitos, sendo trazidos ao centro da cena, neste artigo, os jovens estudantes. Ao analisar as narrativas produzidas no âmbito desta pesquisa, as relações de convivência com os jovens discentes podem ser identificadas como uma das provações enfrentadas pelo grupo. Para Martuccelli (2007), na modernidade, a problemática das relações com o outro se constitui como um robusto desafio, que tem se tornado central nos estudos sociológicos. Apesar disto, a temática da “sociabilidade interindividual”, entendida como “um sistema de regras para construir uma relação com os outros” (*op.cit.*, p.204) ainda possui lacunas a serem investigadas. Para o autor, faz-se necessário pensar em contornos analíticos mais adequados, capazes de alcançar manifestações e transformações socio-históricas relativas à problemática.

Tendo isto em vista, o sociólogo sugere pensarmos tal questão a partir da dimensão do

respeito – “categoria nativa” entre os entrevistados/as, sendo mencionada por muitos/as deles/as. Para o autor, “a confirmação social do indivíduo passa pelo respeito que lhe é devido” (*op.cit.*, p.204). Para o estudo de tal questão, Martuccelli (2007) sugere a compreensão do que chama de um “*espaço fictício dos regimes de interação*” (*op.cit.*, p.204), composto por três facetas que, embora analiticamente distintas, se entrecruzam no seio das relações sociais: os regimes da hierarquia, da igualdade e da diferença. O sociólogo indica que existem tensões e justaposições entre os diferentes regimes de interação; um “palimpsesto” (*op.cit.*, p.252).

Quanto às articulações entre os regimes hierárquicos e igualitários, por exemplo, nas sociedades latino-americanas, atualmente convive-se em um esquema dual, composto pela aspiração de uma “horizontalidade relacional” marcada, ao mesmo tempo, por uma “verticalidade resistente”. Para o autor, “se trata de uma tensão que dá conta de uma mescla entre dois regimes de interação que, por um lado, hierarquiza os vínculos e, por outro, iguala as trocas”. Neste sentido, propõe “caracterizar esta sociabilidade como uma forma de “familiaridade hierarquizada”. Tal tensão está presente tanto em “situações de conflitividade como em ocasião de relações de confiança e de cumplicidade” (*op.cit.*, p.257). Logo, está presente nas escolas, nas relações de convívio entre seus diferentes sujeitos.

Em um contexto de mutação institucional escolar, que engendrou, historicamente, o progressivo enfraquecimento do papel docente e imprimiu uma mudança significativa na gestão da autoridade por parte destes profissionais, a crescente legitimidade da cultura juvenil e a tensão entre jovens e adultos constituem uma “mescla explosiva e desestabilizadora para a autoridade docente” (Martuccelli, 2009, p.118). Jovens estudantes querem ser tratados por justaposições cada vez mais equilibradas dos regimes de igualdade e diferença (Martuccelli, 2007). Para os estudantes, por um lado, “a relação de autoridade precisa cada vez mais ser exercida em um espaço de crescente reciprocidade relacional. Os alunos ‘demandam’ cada vez mais serem tratados de uma maneira horizontal. [...] A boa relação pedagógica supõe uma dose crescente de respeito” (*op.cit.*, p.268). Por outro lado, “a busca de respeito passa pelo desejo de ver suas diferenças afirmadas, e não apenas dissimuladas, na esfera pública”. (*op.cit.*, p.125). É possível que, atualmente, nenhuma tensão seja tão viva como esta, aponta o autor. “Para alguns, esta tensão é insuperável. Para outros, menos pessimistas, é nosso horizonte político que se joga na busca de um novo equilíbrio entre a participação na igualdade e um cuidado diferenciador” (*op.cit.*, p.268).

Ao analisar narrativas de jovens professores iniciantes entrevistados, identificamos que a tensão constitutiva de suas experiências cotidianas na relação com jovens estudantes consiste em tentar conjugar justaposições cada vez mais equilibradas do regime de hierarquia com os regimes interativos baseados na igualdade. É o que se observa no relato de Laís (23 anos de idade, 9 meses de docência) e de Heitor (24 anos de idade; 3,5 anos de docência):

[...] Desde que entrei na sala de aula, falei: “**Gente, olha eu quero estabelecer com vocês uma relação horizontal;** eu não sei mais que ninguém. [...] Eu sei algumas coisas que eu vou passar pra você e vocês sabem algumas coisas que vocês vão passar pra mim. Essa aula eu não pretendo ficar aqui em pé falando pra vocês, a sala só vai funcionar se vocês colaborarem. [...] **Vamos buscar ter uma relação de igual pra igual.** Porque eu acho que, pra mim, vocês são colegas de trabalho como qualquer outro, vocês não são subordinados a mim. **Então, se vocês me respeitam, eu respeito vocês e a gente constrói a nossa relação dessa forma**”. Então no começo eu tive uma dificuldadezinha sim. É porque, assim, eu tenho muita dificuldade de me impor. **Eu não consigo estabelecer relações hierárquicas,** eu não consigo chegar na sala e fechar a cara e falar: “*Cala a boca, todo mundo abre esse caderno!*” e tal. [...] O maior ponto negativo que eles [alunos] colocaram [em um feed back escrito solicitado a eles], tipo assim, unanimidade, falavam que eu não tenho controle sobre a sala, que eu deveria ser mais rígida e que a bagunça e a conversa atrapalham muito. Aí eu fiquei bem paranoica. [...] (Grifo nosso)

Então você fica sempre **jogando nesse meio termo: ao mesmo tempo que eu sou o jovem que está ali trocando ideia, ao mesmo tempo eu sou o jovem professor que tem que manter autoridade.** (Grifo nosso)

Nota-se que a maior parte dos docentes pesquisados tenta constituir uma “*amistividade hierarquizada*”^[2] com seus estudantes, numa justaposição entre regimes interativos de hierarquia e igualdade. Esta articulação – mais equilibrada para uns, mais desequilibrada para outros, a depender dos traços, recursos e estilos pessoais que mobilizam – está circunscrita pela tensão entre as obrigações estatutárias como professor, à sua condição como jovem em uma relação de proximidade intergeracional com os estudantes e, especialmente, o reconhecimento da legitimidade de algumas demandas da cultura juvenil na escola.

Na relação entre jovens docentes e discentes, o reconhecimento da diferença é um ponto de tensão expressivo, dado estar pouco presente nas relações. Alguns docentes, ao tentarem interagir levando em consideração singularidades dos jovens estudantes, acabam esbarrando em limitações institucionais, impasses relativos às suas condições de trabalho, entre outros, conforme narra Heitor:

Hoje eu dou aula em vinte e cinco turmas, cada uma delas em média com trinta e cinco alunos [...] Se fizer a conta, acho que dá mais de mil alunos, né? E eu tenho uma aula por semana, então, são cinquenta minutos por semana com mais de mil alunos. **Então eu não faço nem ideia de quem são, nesse conceito da realidade concreta de cada um.** (grifo nosso)

Ao analisar o desafio das relações de convivência entre jovens docentes iniciantes e seus estudantes, compreendemos que a sustentação da sociabilidade depende mais das habilidades pessoais de uns com os outros do que das instituições e dos rituais. Assim, manejar a tensão entre a verticalidade e a horizontalidade em um contexto de maior demanda por igualdade e, também, por respeito às diferenças “exige aptidões relacionais *sui generis*”. (*op.cit.*, p.227). São estas aptidões, estes traços, recursos e estilos pessoais que os professores começam a aprender quando ingressam na docência. Tarefa cotidiana tensa e que se revela geralmente mais complicada que o previsto para este grupo.

Tais questões estão na ordem do dia para os/as docentes pesquisados/as, que precisam “aprender a jogar” ao iniciar seu exercício profissional; conjugando assimetrias. Muitas vezes, eles/as o fazem sem o devido suporte institucional, por exemplo, dos sistemas de ensino. Nota-se a necessidade de construção de políticas de caráter multisetorial e interinstitucional de suporte a docentes iniciantes calcadas em redes de sociabilidade, convivência e trocas; balizadas pelas necessidades heterogêneas identificadas nas narrativas destes sujeitos.

Referências

- ARAÚJO, K.; MARTUCCELLI, D.. *Desafios comunes: Retrato de La sociedad chilena y sus individuos*. Tomo 2. Santiago: LOM Ediciones, 2012.
- BARDIN, L.. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- DUBET, F.. *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FLICK, U.. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004
- LEÃO, G. M. P. *Juventude*. In: OLIVEIRA, D.A. et. al.. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2010

MARTUCCELLI, D.. e SINGLY, F.. *Las sociologías del individuo*. Santiago, LOM, 2012.

MARTUCCELLI, D. *Lecciones de Sociología del individuo*. 2006. Disponível em: <http://goo.gl/O81xVJ>, Acesso em: 21 jun. 2021.

_____. *Gramáticas del individuo*. Buenos Aires: Losada, 2007

_____. *La autoridad em las salas de clase: Problemas estructurales y márgenes de acción*. 2009. In: Revista Diversia, N°1 Valparaíso, CIDPA, 2009.

TEIXEIRA, I. A. C.. *Os professores como sujeitos socioculturais* . In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos Olhares sobre a Educação e a Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p.179-194.

[1] Entrevistas realizadas no segundo semestre de 2015

[2] Livre paráfrase da expressão “familiaridade hierarquizada” (Araújo e Martuccelli, 2012).